



POVOS INDÍGENAS E A PSICOLOGIA DO BEM VIVER

INDIGENOUS PEOPLE AND THE GOOD LIVING PSYCHOLOGY

**Ketlen Lima de Souza Apurinã;
José Ruy do Nascimento Xokó.**

Universidade Federal do Acre

Aline Andreia Nicolli

aanicolli@gmail.com

Universidade Federal do Acre

Artigo

Resumo:

O trabalho relata a experiência do Curso de Extensão *Uma imersão multidisciplinar na história e na cultura dos povos indígenas*, realizado entre novembro de 2022 e janeiro de 2023, pela UFAC, no âmbito do PET Conexões de Saberes: Comunidades Indígenas. O último encontro abordou “Os Povos Indígenas e a Psicologia do Bem Viver”, com base em autores como Ailton Krenak e Alberto Acosta. O curso oportunizou reflexões sobre o “Bem Viver” como combate às desigualdades e como preservação das memórias e histórias indígenas.

Palavras-chave: Curso de Extensão; Povos Indígenas; Bem Viver.

Abstract:

The paper reports on the experience of the Extension Course A multidisciplinary immersion in the history and culture of indigenous peoples, held between November 2022 and January 2023, by UFAC, within the scope of the PET Conexões de Saberes: Comunidades Indígenas (Conexions of Knowledge: Indigenous Communities). The last meeting addressed “Indigenous Peoples and the Psychology of Good Living”, based on authors such as Ailton Krenak and Alberto Acosta. The course provided an opportunity to reflect on “Good Living” as a way of combating inequalities and preserving indigenous memories and stories.

Keywords: Extension Course; Indigenous Peoples; Good Living.

Keywords: Extension Course; Indigenous Peoples; Good Living.

1. Introdução

Este texto apresenta o relato de uma experiência desenvolvida no contexto das ações de indissociabilidade de ensino, pesquisa e extensão do Grupo PET (Programa de Educação Tutorial) Conexões de Saberes: Comunidades Indígenas, da Universidade Federal do Acre (UFAC), programa financiado pelo FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento pela Educação) em parceria com o NEABI (Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas).

A ação a qual nos referimos caracterizou-se como um curso de extensão intitulado: Uma imersão multidisciplinar na história e na cultura dos povos indígenas no contexto da Amazônia, do Brasil e da América Latina que foi desenvolvido ao longo dos meses de novembro, dezembro de 2022 e janeiro de 2023, em 12 encontros. Um dos encontros, o último, abordou questões sobre “Os Povos Indígenas e a Psicologia do Bem Viver” e é sobre essa temática que iremos nos debruçar a partir de agora. Nosso objetivo era o de problematizar coletivamente o conceito do Bem Viver, de forma que os participantes pudessem compreender as diferenças nas formas como o Bem Viver se apresenta para os Povos Indígenas e para os Povos não Indígenas.

Dessa forma, considerando nosso percurso formativo e as possibilidades de contribuição com a ação, optamos por oferecer um encontro sobre o Bem Viver. A nossa escolha se pautou no fato de que além de integrarmos o Grupo PET Conexões de Saberes: Comunidades Indígenas, somos também estudantes do curso de Bacharelado em Psicologia, na Universidade Federal do Acre. Assim, de alguma forma, estamos há algum tempo pesquisando o tema.

Dito isso, cabe esclarecer que iniciamos o trabalho a partir da definição da ementa do nosso encontro que foi assim delineada: Conceito de Bem Viver; Principais Características do Bem Viver; Breve perspectiva indígena do Bem Viver; Psicologia, Bem Viver e Povos Indígenas. A partir de tal definição iniciamos o planejamento das atividades e, posteriormente, a realização do Encontro.

2. Breve relato das nossas escolhas

Considerando as leituras, assim como as trocas/indicações já realizadas, nos desafiamos a planejar o nosso encontro. Para isso, iniciamos considerando a importância de abordar o conceito de Bem Viver apresentado e defendido por Alberto Acosta, em 2016, no livro “O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos possíveis”, e de duas publicações do Conselho Regional de Psicologia do Estado de São Paulo. A primeira intitulada “Psicologia e Povos Indígenas”, de 2010 e, a segunda, “Povos Indígenas e Psicologia: a procura do Bem Viver”, de 2016. Além disso, consideramos o “Encarte Pedagógico X: o Bem Viver Indígena e o futuro da humanidade” do Jornal Porantim, publicação do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) em

dezembro de 2015 e o artigo “O Bem Viver dos Povos Indígenas: crítica sistêmica e proposta alternativa para um mundo pós capitalista”, de autoria de Paulo Suess, de 2017.

O passo seguinte foi realizar a definição da metodologia de trabalho que utilizaríamos para desenvolver o encontro. Consideramos a importância de utilizar diferentes materiais, disparadores para discussão/reflexão, como também, a importância do sequenciamento das ações do encontro. Assim, pensamos, inicialmente, a organização da turma em dois grupos para que cada um pudesse realizar a confecção de um cartaz com recortes de revista. Os cartazes confeccionados, por cada grupo, deveriam versar sobre o seguinte: (a) Um grupo faria um cartaz sobre o que seus membros entendem como Bem Viver e (b) o outro sobre o que o grupo entende como não é o Bem Viver. Acreditamos que, a partir dessa atividade inicial, conseguimos promover coletivamente um debate acerca da temática.

Além disso, realizamos um levantamento de vídeos no Youtube. Nosso critério de escolha era que a fala fosse conduzida por indígenas e que abordasse as concepções de Bem Viver de seus povos. Em decorrência desse levantamento encontramos uma live intitulada “Ailton Krenak: O Bem Viver e o sentido da natureza, com a mediação de Bruno Maia e Nina Arouca”, disponibilizado no canal Escola Parque Live.

Da mesma forma, no canal do Daniel Munduruku, encontramos uma série de vídeos sobre o tema, mas destacamos de forma específica os vídeos: “A arte do Bem Viver: conversa com Kaká Werá”, no qual ele dialoga com um representante do povo Tapuia, e “Reflexões sobre o Bem Viver: presente”, no qual o próprio Daniel Munduruku tece reflexões sobre essa concepção.

Buscando um pouco mais encontramos uma live de Ailton Krenak que foi transformada em livro, com o título de “Caminhos para cultura do Bem Viver”, de 2021. Assim, reproduzir a live não se tornou uma opção interessante por ter mais de uma hora e, a nosso ver, não promover a interação entre os participantes. Por isso, após a análise do material, concluímos que usá-lo na forma impressa atenderia de forma mais adequada a proposta do encontro, por ter uma linguagem acessível e por ser de autoria de uma pessoa indígena, de grande representatividade para o movimento/direito indígena do país, que fala/escreve sobre a concepção de Bem Viver do seu povo e de outros.

Optamos então por, num segundo momento, organizar a turma em 10 grupos. Com essa divisão, cada grupo fez a leitura de um capítulo do livro, e depois a socialização, do material que estava sob sua responsabilidade. Além disso, as discussões e socializações, fomentadas por cada grupo, foram enriquecidas com outros materiais que selecionamos com essa finalidade como, por exemplo, um vídeo curto (reel) que tratava dos rios voadores e permitiu a complementação explicativa da importância desse processo para a parte sul do continente americano. Depois de

finalizarmos a socialização de todos os textos e fazermos uma fala complementar optamos por reproduzir um vídeo do Daniel Munduruku, “Reflexões sobre o Bem Viver: presente”. Tivemos, então, a possibilidade de acessar e analisar a fala de outro indígena, de outro povo, mas que igualmente construiu/ocupou [e ainda constrói/ocupa] espaços para/de luta indígena na sociedade brasileira.

3. Sobre o Bem Viver: reflexões iniciais

Em termos iniciais, nascido em berço andino, o Bem Viver propõe o combate ao capitalismo e suas relações de opressão a partir de outros modelos de sociedade, com/de base comunitária. O Bem Comum nada mais é do que o próprio bem particular de cada indivíduo enquanto este é parte de um todo ou de uma comunidade. O Bem Comum é fim das pessoas singulares que existem na comunidade, “como o fim de todo é o fim de qualquer de suas partes”. Estão na natureza: ar, água, terra, floresta e biodiversidade. Estes também podem ser sociais, intelectuais e culturais. Ex: sistema de saúde e educação, conhecimentos, tecnologias, internet, literatura e música. O conceito de Bem Viver, “Bien Vivir/Vivir Bien” surge na região andina, na América do Sul, da Venezuela ao norte da Argentina - e deriva de um lado do Quéchuas e, por outro do Aimara que são indígenas originários da região.

4. Alguns aspectos teóricos sobre o Bem Viver: o material utilizado no Curso

O livro “Caminhos para cultura do Bem Viver”, de 2021, apresenta 10 capítulos, mesmo que a palavra capítulo não se faça presente no material. No capítulo “Conexão”, o autor expressa a importância de realizarmos a experiência sensorial com o espaço que estamos inseridos para não vivermos no automático, vale ressaltar, que nesse período, especificamente, as pessoas de todo o planeta ainda viviam o distanciamento social, logo buscar algum elemento da natureza (mineral, vegetal) para a conexão tornaria essa experiência prazerosa para todos os envolvidos, dessa forma saindo no modo automático, em um verdadeiro encontro vencemos o desafio da distância.

No capítulo “A origem do Bem Viver” é explicitado que o início se dá a partir dos povos Quéchuas e Aimara que vivem na Cordilheira dos Andes e possuem cosmovisões muito próximas uma da outra. A Cordilheira dos Andes foi colonizada por falantes de língua espanhola, espanhóis, nesse sentido, a palavra que conhecemos em Português, Bem Viver, é uma tradução do Espanhol da palavra “Buen Vivir”, que por sua vez, é uma aproximação da expressão Sumak Kausai que os povos citados acima também compartilham o sentido/significado de forma aproximada, ou seja, um modo de estar no mundo no qual “esse modo de estar na Terra tem a ver com a cosmovisão

constituída pela vida das pessoas e de todos os outros seres que compartilham o ar com a gente, que bebem água com a gente e que pisaram nessa terra junto com a gente.” (KRENAK, 2021, p. 6).

No capítulo seguinte, "O que não é o Bem Viver" diferencia o que é Bem Viver, Buen Vivir e Sumak Kausai. É aqui que o autor introduz outro conceito, o Bem-Estar Social, também chamado de Viver Bem. Ele explica que quanto mais se fazem traduções/distanciamentos daquilo que os povos andinos acreditam, como Sumak Kausai mais Buen Vivir/Bem Viver, mais eles se transformam em elementos ocidentais e sofrem de um esvaziamento de sentido/significado. Para exemplificar, fala da experiência do Bem-Estar Social criado na Europa, logo após a Segunda Guerra Mundial, um tipo de organização política, econômica e sociocultural, na qual o Estado é o agente da promoção social e organizador da economia com a intenção de distribuição de riquezas para todos, o que não foi possível e se restringiu aos países muito ricos da Europa. Já o Buen Vivir/Bem Viver quando não esvaziado de sentido/significado “pode ser a difícil experiência de manter um equilíbrio entre o que nós podemos obter da vida, da natureza, e o que nós podemos devolver. Pode ser a difícil experiência de manter um equilíbrio entre o que nós podemos obter da vida, da natureza, e o que nós podemos”. (KRENAK, 2021, p. 8-9).

No quarto capítulo o autor afirma de maneira quase poética que os “Rios Voadores”, título do capítulo, como o Bem Viver voaram dos Andes para “cá”. Da mesma forma que eles voam e transportam oxigênio e água da Amazônia para a região sul do continente as pessoas dessa região, especificamente os paulistas, só começaram a prestar atenção na devastação da Amazônia quando começaram levar a fumaça das queimadas realizadas nas florestas, transformando o dia, das cidades, em noite.

A discussão seguinte gira em torno da “Ideia de natureza”, título deste capítulo, o bem-estar, já citado anteriormente, se alicerça na ideia de que pode se consumir a natureza em nome dele, pode se consumir/destruir a Terra. O autor tece uma crítica em relação à ciência e a tecnologia que mesmo sendo usadas para reduzir algum dano, contudo, elas ainda têm o propósito de “aumentar a capacidade de exaurir esse organismo vivo”, o planeta. (KRENAK, 2021). A compreensão do Sumak Kausai/Buen Vivir/Bem Viver entende que o ser humano faz parte da ecologia planetária, nosso corpo é um elemento de equilíbrio e regulador, o ser humano está dentro dessa biosfera, ele não deveria incidir sobre a terra, mas pensar, ouvir e aprender numa forma de equalizar seus sintomas de forma inteligente já que se trata de dois organismos com essa capacidade intelectual, o que Krenak chama de dança cósmica.

No próximo capítulo, “Terra como organismo vivo”, o planeta é um organismo vivo que o autor chama de Gaia que faz parte da constelação da vida, os humanos fazem parte da ecologia

da Terra, a Terra faz parte do cosmos, a vida compõe corpo, planeta e cosmos e sua capacidade transpassa essas possibilidades. Cada povo constrói uma cosmovisão, eles constroem narrativas sobre a criação do mundo e em muitas culturas indígenas a criação do humano se dá na Terra, dentro dela e não fora, como acontece em outras, outras narrativas falam de um fenômeno que levou bilhões de anos para acontecer.

Em “Educação e Bem Viver”, Krenak (2021) tece uma crítica aos sistemas educacionais que se apresentam como uma realidade desfavorável que se limita a manter/reproduzir as organizações existentes. Krenak (2021) indica que os educadores terão que buscar outras perspectivas e possibilidades de engajar a rede familiar das crianças e dos adolescentes. Além do engajamento familiar, dada a situação da pandemia, o isolamento social, devem também ampliar o uso de tecnologias para comunicação, porém, tais estruturas devem parar de formar profissionais/técnicos para operacionalizar o sistema, e sim, formar seres humanos para habitar uma Terra viva. Criar corpos vivos para uma Terra igualmente viva para que todos possam experimentar o Bem Viver, pois cada humano é uma construção social.

No capítulo "Pandemia" descreve sobre não transformar "lugares maravilhosos" em sucata. Estabelece uma relação entre a Covid-19 e a destruição da Terra. Após infectado, um dos estágios mais agudos da doença, no qual se exige mais cuidado, é a falta de ar, chegando-se a precisar, muitas vezes, de meios artificiais para manter a respiração de uma pessoa. O autor entende que Gaia, fazendo uso de sua inteligência, está desligando milhões de nós para que possamos, quem sabe, entender o recado e evitar que, assim como os humanos fazem/fizeram a outros animais, entremos na lista de extinção. Ou, talvez, segundo o autor, tenha chegada a hora dos humanos entrarem nessa lista como consequência de nossas próprias ações.

No capítulo seguinte "Ser Krenak" fala da experiência de ser uma pessoa do Povo Indígena Krenak. Como essa experiência se constituiu/constitui de maneira coletiva a partir de um sentimento, uma responsabilidade social com o outro, uma forma de cidadania que "implica uma filiação com diferentes potências da vida aqui na Terra" (KRENAK, 2021, p. 25).

O Povo Indígena Krenak, segundo ele mesmo, remete sua filiação com o Rio Doce, Watu, o rio considerado um avô do povo. A partir desse vínculo ocorre, ou não, pois o rio também é ser dotado de vontade, o estabelecimento de comunicação entre eles. Assim, antes do crime da Barragem de 2015, o rio já vinha denunciando, por meio das pessoas Krenak, a violência que vinha sofrendo. Logo, as culturas indígenas podem dar pistas para o Bem Viver, de como todos podem viver de forma criativa desde que as pessoas estabelecem uma relação com a natureza. Por fim, ainda pontua de maneira interessante que existem pessoas que gostam de conversar com carros, os Krenak conversam com rios e montanhas.

No último capítulo "Nossos ancestrais" afirma que uma das coisas que existe em comum entre os povos indígenas é "uma experiência de vínculo com os nossos ancestrais" (KRENAK, 2021, p. 28). Vale trazer a explicação de que os ancestrais não são apenas uma geração passada, é a corrente de seres que já passaram na terra que construíram as culturas, os ritos, as práticas, as tradições. No caso particular dos Krenak não existe a forma escrita da língua, e a transmissão se dá por meio de oralidade, de geração em geração um ciclo contínuo de interação com a memória do povo, com a memória da cultura, uma forma de estar no hoje, de lembrar quem se é, para "não ficar perdido aqui no mundo, pensando que estamos em uma plataforma utilitária" (KRENAK, 2021, p.29). Quando alguém se torna ancestral "a gente volta para terra, volta para os rios, volta para as florestas" (KRENAK, 2021, p.30).

5. Algumas reflexões finais

Acreditamos que as atividades desenvolvidas, sejam de reflexão inicial, ou ainda, de apropriação conceitual e complementação, a partir dos estudos de Krenak e Munduruku, evidenciaram aos estudantes cursistas, que estiveram participando do encontro, aspectos conceituais da temática do Bem Viver, sua origem junto aos povos andinos (Quéchuas, Aimaras) e as possíveis aproximações de significados com povos indígenas brasileiros.

Assim, o Bem Viver atravessa diversas dimensões do ser humano, e se choca com a perspectiva ocidental capitalista colonial por entender que o ser humano é Terra, que ao destruí-la todos morremos como consequência, a Terra não está dada para ser transformada em produtos de consumo e exaurida de todas as formas de vida existentes. O Bem Viver compreende outros mundos possíveis que ainda resistem à colonização dos corpos e mentalidades.

Foi a partir de Ailton Krenak, ativista do movimento socioambiental e defensor dos direitos dos povos indígenas, que participou da fundação da Aliança do Povos da Floresta e da União das Nações Indígenas (UNI), e de Alberto Acosta, um dos principais ideólogos do início da Revolução Cidadã no Equador, um dos responsáveis pelo plano de governo Alianza País, ministro de Energia e Minas e dirigente dos trabalhos da primeira Assembleia Constituinte do planeta a reconhecer direitos à Natureza, nossa "Pachamama", a Mãe Terra, que surgiu a ideia de "mudança" citando o axioma de Umberto Eco, a respeito do Bem Viver.

Além disso, importa reconhecer que há dois tipos de dor nesse mundo: a que machuca e a que modifica. Dessa forma, desde o início do processo colonizador, os povos indígenas sofrem, no Brasil, com essas duas dores e cada vez mais a situação vem se agravando, pois a falta de intencionalidade de preservar relações de respeito e a valorização da cultura alheia faz com que a

imposição de interesses colonizadores de cunho político, cultural e social alterem as formas de vida dos Povos Originários da América e resultam nas dores que os machucam e os modificam.

Mais de quinhentos anos se passaram, na história do Brasil, e poucas ações efetivas foram instituídas, principalmente pelo poder público, de forma que nada foi resolvido. Muito se perdeu. Os livros de história não deixam dúvida, é incontestável, indiscutível. As imagens nos lembram das caravelas portuguesas que chegaram ao país, entraram à força com o propósito de ocupação e conquista.

Essa invasão, o conflito entre culturas, o choque étnico-cultural, a catequização dos povos originários com o propósito de “amansar” para o trabalho escravo, a desconsideração da língua materna, das crenças, dos rituais de cada povo indígena são alguns dos elementos que exigem até os dias de hoje que os Povos Indígenas vivam em permanente estado de se conservar acordado, atento para qualquer manifestação de cunho político. Ou ainda, tentando viver de forma invisível ante a existência de uma sociedade que desconhece o Bem Viver Indígena, mas vive de forma desenfreada o bem-estar capitalista, um fenômeno patológico.

Diante do exposto, defendemos que o Bem Viver Indígena é um ato revolucionário, é um conhecer das origens para compreender a razão da preservação e do resgate de valores perdidos/silenciados, tais como costumes, a ordem formal e explícita, as regras e preceitos, os ensinamentos culturais e morais, as virtudes e as leis da sociedade e a espiritualidade. É uma construção em dois eixos: o Bem Viver para todos, voltado ao combate de classes e privilégios e o Bem Viver para sempre, com memórias, histórias, não apenas dos sobreviventes e vencedores, mas de todos os construtores de um mundo sem vencidos e vencedores. Essa dimensão de resgate histórico e do horizonte escatológico é que permite pensar o Bem Viver para sempre.

O Bem Viver tem uma dimensão que perpassa o tempo (diacronia), uma dimensão trans-histórica contemporânea e simultânea (sincrônica), que enfoca o aqui e o agora do indivíduo e da sociedade. O Bem Viver não é construído em Spa nem em Estúdio, mas num laboratório no qual se entrelaçam ações políticas, econômicas e de gratuidade.

Para nós, indígenas, a filosofia e a prática do Bem Viver provêm de uma proposta ancestral de complementaridade, harmonia e reciprocidade entre os povos, a natureza e todos os povos, seres que dela fazem parte contrapondo-se a concepção capitalista do viver melhor, em termos de consumo. Assumindo a postura teórica da psicologia social de base histórico-cultural que considera a afetividade uma característica desestabilizadora, de análise da realidade social, que remete ao compromisso ético-político do bem comum, encontramos convergências entre esses conceitos em nosso contato com os povos indígenas.

Diz Alberto Acosta (2016) “o Bem Viver nasce da experiência de vida coletiva dos povos e nacionalidades indígenas, procura a relação harmoniosa entre os seres humanos e destes com a natureza”. O “Bem Viver” é um novo nome usado para conceituar a cosmovisão de comunidades originárias que se organizaram a partir do coletivo. É um modo de vida que abarca a relação entre pessoas, a natureza e o modelo econômico em sociedades que não tinham o modo capitalista possível de se organizar.

Solidariedade, reciprocidade, responsabilidade e integralidade são princípios do Bem Viver. Por isso, a cultura do “Bem Viver” é uma proposta que exige a mudança de mentalidade e práticas trazendo ao centro da questão os bens comuns; os bens que são de toda coletividade. O “Bem Viver” tem como pressuposto o compartilhamento dos bens comuns, como condição de vida, pois para os indígenas, a vida é o reencontro do sentido simples de viver.

Os princípios do “Bem Viver” relacionam-se com o saber comer, beber, dançar, trabalhar, meditar, pensar, amar e ser amado, escutar, falar bem, sonhar, caminhar, dar e receber. São esses princípios que diferenciam o “Bem Viver” do “Viver Bem”, já que viver não é uma escolha, é apenas um estado.

De um lado, Viver Bem é aproveitar a oportunidade de estar vivo, ser feliz, correr atrás do sonho e lutar por aquilo que se acredita, não aceitar determinada condição e partir em busca de meios para tentar ser alguém melhor e ter algumas coisas melhores na vida. Para isso, para ser feliz, não precisa ter tudo de melhor, mas sim tornar melhor o que se tem. Não tem problemas, pode ser meio utópico. Para ser feliz e ter felicidade, é preciso em primeiro lugar pensar em si. Isso não significa estar com outras pessoas sem compartilhar, pois a importância do “Bem Viver” é estar com saúde, com liberdade de se locomover por conta própria e não depender da ajuda de terceiros para suprir necessidades básicas.

De outro, o “Bem Viver” visa a suficiência para toda a comunidade e não apenas para um indivíduo. O “Bem Viver” supõe uma visão holística e integradora do ser humano in terrenal, que inclui além do ser humano, o ar, a água, os solos, as montanhas, as árvores e animais. Nas visões cosmológicas indígenas, o que prevalece é a vida, e os povos entendem a necessidade de autorrealização da natureza. O que é justamente o equilíbrio. Isso se choca com a visão materialista da cultura ocidental (BANIWA, 2016).

Referências:

BANIWA, Gersem. **O território indígena**. Entrevista concedida a Rubens Lopes, em 17.06.2016. Disponível em: O Território Indígena (E2) - YouTube. Acesso em: 05 jun. 2023.

BONIN, Iara. **Encarte pedagógico X: o Bem Viver indígena e o futuro da humanidade.** Porantim: em defesa da causa indígena. Conselho Indigenista Missionário. Dez 2015. Disponível em: https://cimi.org.br/wp-content/uploads/2020/01/Porantim381_Dez_Encarte-2015.pdf. Acesso em: 11 nov. 2022.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO. **Psicologia e povos indígenas.** Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. São Paulo: CRP SP, 2010. Disponível em: <http://www.crsp.org.br/povos/povos/livro.pdf>. Acesso em: 09 nov 2022.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO. **Povos indígenas e psicologia: a procura do bem viver.** Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. São Paulo: CRP SP, 2016. Disponível em: https://www.crsp.org/uploads/impresso/110/RLAg_HX8E6bm0fVjb2gpqCkreIBkTy0W.pdf. Acesso em: 08 nov 2022.

KRENAK, Ailton. Ailton Krenak: **O Bem Viver e o sentido da natureza.** Mediação: Bruno Maia e Nina Arouca. Youtube, 17 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XS5A5w14kGo>. Acesso em: 03 jan. 2023.

KRENAK, Ailton. **Caminhos para a cultura do bem viver.** São Paulo, Cultura do Bem Viver, 2021. Disponível em: <https://www.biodiversidadla.org/Recomendamos/Caminhos-para-a-cultura-do-Bem-Viver>. Acesso em: 10 nov. 2022.

MUNDURUKU, Daniel. **A arte do bem viver: conversa com Kaká Werá.** Youtube, 15 de fevereiro de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wJS1YbT-Lhg>. Acesso em: 12 de nov 2022.

São os Chamados Rios Voadores. Paiter Suruí, Cacoal, 30 de novembro de 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/ClgreRgAnoT/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>. Acesso em: 30 nov 2022.

SUESS, Paulo. **O bem viver dos povos indígenas: crítica sistêmica e proposta alternativa para um mundo pós-capitalista.** In: XIII SIMPÓSIO INTERNACIONAL FILOSÓFICO-TEOLÓGICO “Em busca do Bem Comum: política e economia nas sociedades contemporâneas”, 13., 2017, Belo Horizonte. Anais Eletrônicos [...] Belo Horizonte: FAJE, 2017. p. 01-53. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/simposio2017/arquivos/seminarios/O%20bem%20viver%20dos%20povos%20indigenas%20Paulo%20Suess.pdf>. Acesso em: 12 nov 2022.

.